

EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRÁTICA DE ENSINO: POSSIBILIDADE DE UMA RELAÇÃO QUE SUPERE A DICOTOMIA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

SOARES JÚNIOR, Néri Emilio – UEG

GT-04: Didática

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência da disciplina de Didática e Prática de Ensino do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (FEF/UFG) com o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). A idéia desenvolvida foi da escola enquanto um espaço pedagógico que possui saberes próprios que são negligenciados pelos cursos de formação de professores orientados pela racionalidade técnica que utilizam o espaço escolar e os profissionais que lá estão unicamente como objetos de pesquisa.

Didática e a prática pedagógica na orientação da racionalidade técnica

Sob orientação da racionalidade técnica, os cursos de formação de professores permanecem com uma concepção definida de didática, prática pedagógica e dos atores envolvidos nesse processo.

A concepção de didática é instrumental, o estágio supervisionado é compreendido como uma atividade que acontece no período final da formação e a prática pedagógica não é considerada dotada de saber.

Essa relação está fundamentada em uma concepção de formação de professor que não compreende a relação entre teoria e prática em seu trabalho, perpetuando muitos equívocos, como, por exemplo, a idéia de que a teoria não funciona na prática (BRACHT e CAPARROZ, 2007). O que se entende aqui é a idéia de que a teoria é um campo onde se produz e se concentra o conhecimento, oposto da prática, entendida como um campo desprovido de conhecimento ou saber. Nesta lógica, o conhecimento é gerado na teoria para ser aplicado na prática reproduzindo a divisão social do trabalho, trabalho manual e intelectual.

No que se refere aos atores que estão envolvidos na relação da didática e da prática pedagógica, devemos considerar também seus cenários de atuação, a universidade e a escola. Esses cenários no ideário da racionalidade técnica possuem funções distintas e específicas que estão relacionadas historicamente com os papéis de seus atores.

Resumidamente temos os seguintes cenários com os seus respectivos atores, a saber:

- A universidade: reconhecida como o local que historicamente deve realizar a produção do conhecimento. Nessa instituição encontramos a figura do docente universitário, que (teoricamente) divide o seu trabalho entre o ensino e a pesquisa, realizando a produção de conhecimento.
- A escola: local onde o conhecimento produzido pelas universidades é “aplicado”. Aqui, temos a presença do professor que tem a função exclusiva do ensino. Ele é considerado como um executor de tarefas que aplica, a partir do seu trabalho, o conhecimento produzido pelo pesquisador na universidade.

Referente ao trabalho da didática e do estágio supervisionado orientados pela racionalidade técnica, o professor é subestimado no processo de formação profissional, considerado como, supervisor que confere a presença dos estagiários. No entanto, essa forma de conceber e não consegue dar conta da complexa realidade que se configura a prática pedagógica.

Entendo que para superar a dicotomia entre os saber e o fazer devemos romper com a idéia de que o fazer pedagógico é desprovido de conhecimentos, ou seja, que a prática não pode ser fundamentada pela teoria e a teoria “não funciona na prática”. Bracht e Caparroz (2007), discutindo o lugar da didática na educação física, entendem que a teorias devem ser apropriadas de forma autônoma pelos professores com o objetivo de nortear as reconstruções de suas práticas. Ou seja, a partir de referências de prática, experiência - (ação), e de teorias - (reflexões), haver reconstrução da prática (ação). Ora, temos aqui a práxis educativa (ação – reflexão -ação), princípio da lógica dialética. É importante pontuar que essa relação pressupõe o entendimento de que a teoria e a prática, conseqüentemente o saber e o fazer pedagógicos sejam portadores de saberes, que não devem ser desprezados.

Assim, pensar na formação de professores que aponta para a superação da dicotomia entra a teoria e prática é necessário romper com a didática instrumental e a lógica fragmentada de estabelecer a formação de professores.

Situando o CEPAE/UFG na organização do trabalho pedagógico da Didática e Prática de Ensino (FEF/UFG).

A disciplina “Didática e Prática de Ensino” da faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (FEF/UFG) é ministrada no quarto ano do curso e está organizada através da articulação, por meio da dialética, entre a Didática e a Prática Pedagógica, onde os saberes adquiridos na universidade pelos alunos universitários passam a ser confrontados com a realidade escolar.

Na organização do trabalho da Didática e Prática de Ensino a FEF/UFG utiliza o CEPAE/UFG como um dos campos de estágio. O trabalho desenvolvido no ano de 2006 por essa disciplina junto ao CEPAE pode ser resumido da seguinte forma:

1. Participação da professora de Didática e Prática de Ensino na reunião de planejamento do professores do CEPAE/UFG no início de 2006, para apresentar e discutir a estratégia de ensino da disciplina para o referido ano, e discutir a participação dos professores do CEPAE/UFG nesse processo;
2. Discussões em sala de aula entre a professora de didática e seus alunos, sobre a produção teórica e sobre a organização do trabalho pedagógica da educação física;
3. Contato com a escola-campo através de uma reunião com os docentes responsáveis pelas aulas de educação física e a análise do projeto político pedagógico;
4. Observação e discussão das aulas de educação física;
5. Semi-regência.
6. Regência: implementação e avaliação da proposta pedagógica;
7. Realização de um seminário: avaliação geral da experiência com a prática de ensino.

Os professores do CEPAE/UFG e os alunos universitários dispunham de uma reunião semanal para realizar a avaliação coletiva do trabalho pedagógico desenvolvido e encaminhar o planejamento coletivo das próximas ações pedagógicas. Nos encontros com a professora de Didática e Prática de Ensino havia discussões sobre questões pertinentes à organização do trabalho pedagógico da Educação Física na escola e trocas de experiência entre os alunos universitários sobre o trabalho pedagógico realizado na Prática de Ensino.

A nossa experiência

No final da terceira escala em uma reunião de avaliação e planejamento, foi levantado a proposta da criação de uma estratégia de ensino para o tema esporte para os alunos da segunda série do ensino fundamental, que proporcionasse uma maior compreensão acerca do conceito de esporte moderno, de uma forma lúdica, criativa, e que não recorresse a reprodução de esportes institucionalizados.

No início tínhamos uma questão que nos preocupava. Como proporcionar, em um curto período de aulas (aproximadamente vinte aulas), a apreensão de um conceito tão complexo como do esporte moderno para uma turma que se encontrava em um ciclo de vida que está organizando os dados da realidade?

Com o intuito de superar essa questão, foi construída uma proposta de intervenção a partir de uma metodologia crítica de Educação Física. O objetivo da proposta era proporcionar aos alunos da segunda série do ensino fundamental a apropriação do conceito de esporte moderno enquanto um tema da cultura corporal através da criação de modalidades esportivas. O conceito de esporte tratado nessa proposta de intervenção foi “O esporte, como prática social que institucionaliza temas da cultura corporal.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 70). Ou seja, uma produção histórico-cultural criada por homens.

O planejamento das aulas foi realizado com o formato em que os alunos experimentassem a criação de seus próprios esportes sem a reprodução de esportes institucionalizados. Resumidamente, a estratégia de ensino ficou organizada da seguinte forma:

1. Discussão em sala de aula onde os alunos do CEPAE tiveram a oportunidade de apresentar o conceito de esporte moderno que eles tinham;
2. Apresentação sucinta da história da criação e do desenvolvimento do basquete no decorrer da história, ressaltando os desafios de se inventar um esporte;
3. Em grupos os alunos iniciaram o processo de criação das modalidades esportivas com uma ficha roteiro de sistematização onde os alunos deviam estabelecer: o nome do esporte inventado, as regras, o objetivo e as penalidades do esporte;
4. Apresentação verbal dos grupos expondo para toda a turma o esporte inventado;
5. Realização da experimentação dos esportes inventados pelos alunos;
6. Construção de um caderno de regras de cada esporte criado.

Toda a estratégia de ensino foi realizada em vinte aulas onde pudemos perceber em nossa avaliação que a maioria dos alunos conseguiram ter uma apreensão clara do objetivo proposto. Observamos também que o processo de criação e de experimentação foi

permeado de um caráter lúdico, criativo e de um constante criar e recriar. De uma forma geral pudemos perceber nas aulas:

- A presença do caráter lúdico, fundamental para o trato com esporte escolar de uma forma mais educativa, (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001);
- A diminuição do caráter competitivo, uma vez, que a atenção dos alunos estava em “inventar” os esportes;
- Uma maior possibilidade de criação e recriação dos alunos nas aulas;
- Maior interesse dos alunos pelas aulas, inclusive aquelas que aconteceram no espaço da sala de aula;

A avaliação que grupo fez a cerca do trabalho pedagógico realizado foi positivo, com o objetivo levantado no planejamento inicial do trabalho pedagógico sendo alcançado. O grupo também percebeu que houve alguns equívocos em relação estratégia de ensino elaborada e foram identificadas algumas dificuldades em relação ao trabalho pedagógico por parte das alunas universitárias. No entanto em reunião de avaliação do trabalho realizado foi encaminhado sugestões para a superação desses equívocos levantados pelo grupo.

Considerações Finais

Acreditamos que a dicotomia entre a teoria e a prática possa ser superada e defendemos maiores aproximações entre a universidade e a escola, partindo do pressuposto de que o trabalho pedagógico na escola possui saberes que lhes são próprios e assim devem ser valorizados e não ignorados como acontece na perspectiva tradicional.

É importante pontuar o avanço que essa experiência apresenta no que se refere à articulação entre a universidade e escola. Em sua organização pudemos perceber que os saber do professor da escola foi valorizado. Ressaltamos as reuniões que semanalmente acontecia entre o professor do CEPAE/UFG e as alunas universitárias como sendo um instrumento de fundamental importância para a aproximação entre esses dois atores e os seus saberes.

No entanto, temos claro que as condições de trabalho que os professores do CEPAE/UFG possuem tornam o trabalho em parceria com a FEF/UFG viável, e que as escolas brasileiras não possuem as mesmas condições. Assim entendemos que para pensar em valorizar o professor, e vislumbrar a sua efetiva mudança de posição de executor de tarefas, é necessário que, dentre outras medidas, seja estabelecidas condições de trabalho dignas que proporcionem ao professor um tempo de planejamento, estudo e pesquisa, como não acontece na maioria das brasileiras.

Referências Bibliográficas

ASSIS DE OLIVEIRA, S. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BORGES, C. M. F. *O professor de educação física e a construção do saber*. Campinas: Papirus, 1998.

BRACHT, V. e CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.28, n.2, p. 21-37, jan. 2007

RODRIGUES, A. T. *A didática e prática de ensino no contexto da formação de profissionais de professores de educação física: a experiência da FEF/UFG*. Anais... do XII Conbrace, Caxambu, 2001. CD – room.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis. Vozes: 2002.